

APRENDER A OLHAR PARA O OUTRO:
Inclusão da Criança com Perturbação
do Espectro Autista na Escola do 1º
Ciclo do Ensino Básico

Ana Cristina F. T. Carvalho
Catarina Teixeira Soares Onofre

Introdução

Ao longo dos últimos anos, no âmbito da filosofia da Escola Inclusiva - *Uma escola para todos*- (UNESCO,1994), vem sendo praticada, pelo Ministério da Educação, em Portugal, a inclusão de crianças com Perturbação do Espectro Autista (P.E.A.¹) em algumas escolas do 1º ciclo do ensino regular e, mais recentemente, tem vindo a ser realizada, também, no 2º ciclo de escolaridade.

¹ Será considerado P.E.A. de forma a abranger o contínuo de manifestações na sua totalidade. Sempre que se utilizar a palavra Autismo/Autista pretende-se aqui atribuir o mesmo significado.

Em Algés, na Escola Básica do 1º ciclo *Sofia de Carvalho*, pertencente ao agrupamento de Escolas de Miraflores situado no concelho de Oeiras, encontra-se a funcionar desde Setembro de 2001, uma estrutura de apoio criada, à semelhança de outras, com o objectivo de fomentar a inclusão de 6 crianças com P.E.A., cujas idades podem variar desde os 6 até aos 16 anos.

Todas as crianças seleccionadas para este grupo têm de apresentar uma Perturbação do Espectro Autista independentemente do grau de severidade que pode variar desde o mais ligeiro até a um mais moderado ou mesmo profundo e/ou ainda outras comorbilidades associadas. Cada aluno pertence a uma turma na qual realiza todas as actividades consideradas essenciais à sua inclusão, independentemente das suas competências.

Este recurso de apoio possui a denominação de Sala de Recursos TEACCH por fundamentar a sua intervenção pedagógica nos princípios do Programa TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children) criado para o Autismo, em 1971, por Eric Schopler e seus colaboradores na Carolina do Norte (EUA) e que vem sendo utilizado, nas últimas décadas em muitos países, na educação de crianças com Autismo. Este consiste num programa estruturado que fornece informações claras e objectivas sobre como se deve avaliar, delinear e implementar uma intervenção elaborada para uma pessoa com Autismo, e envolve desde o início os pais e todos aqueles que intervêm no seu Processo Psico educacional. Trata-se de uma metodologia de trabalho que procura fundamentar as suas estratégias de intervenção nas áreas fortes das pessoas que manifestam Autismo e que se adequa à forma específica que parece caracterizar a sua maneira de pensar e de aprender.

Nesta escola existem, anualmente, em média 300/350 crianças distribuídas por 13 a 16 turmas do 1º ao 4º ano de escolaridade e cujas idades variam entre os 6 e os 10-12/13 anos de idade. Nela todos os Recursos Humanos são da responsabilidade do Ministério da Educação inclusivamente as docentes e a auxiliar de educação da Sala de Recursos TEACCH que receberam, na fase inicial, formação específica sobre o Autismo e sobre a metodologia TEACCH, fornecida pela ECAE da zona Centro, em

Coimbra, local onde surgiram, em Portugal, as primeiras salas a utilizar esta metodologia.

A Sala de Recursos TEACCH da escola Sofia de Carvalho situa-se na sala 13 e tem aproximadamente 120 metros quadrados. É bastante luminosa e apresenta uma exposição solar virada a sul com uma porta de acesso ao exterior para um pequeno pátio fechado. Funciona sob a orientação de duas docentes especializadas que realizam diariamente a adopção e aplicação de estratégias de ensino aprendizagem diversificadas no sentido de desenvolver o trabalho de inclusão que denominaram “Aprender a olhar para o outro”.

A sua abertura e funcionamento envolveu várias entidades que de uma forma articulada têm proporcionado os seus recursos. A Direcção Regional de Educação de Lisboa (D.R.E.L.) coloca anualmente os recursos humanos; a Equipa de Coordenação de Apoios Educativos de Oeiras (E.C.A.E.) indicou na sua zona a escola mais adequada para implementar este recurso; a Escola abriu as suas portas para o receber e às crianças que por ele seriam apoiadas; o Centro de Estudos e Apoio à Criança e à Família, (C.E.A.C.F.)² fornece apoio técnico e formação na intervenção pedagógica em crianças com P.E.A., avalia as crianças e participa em reuniões com técnicos e pais; a Câmara Municipal de Oeiras forneceu móveis e verba para equipar a sala, e finalmente mas de extrema importância o envolvimento de várias entidades privadas, maioritariamente do próprio concelho, que ao abrigo da Lei do Mecenato vêm financiando desde o início a aquisição de materiais diversificados.

Perturbação do Espectro Autista

Apesar da multiplicidade de estudos existentes e não obstante as variadas e inúmeras contribuições que vêm sendo feitas desde a década de 40, com o psiquiatra infantil Leo Kanner (1943) e o pediatra Hans Asperger (1944), várias têm sido as explicações para a etiologia do Autismo. Não havendo consensos nem certezas, actualmente sabe-se que na maior parte das vezes a sua origem é multifactorial, apresentam um substracto neurobiológico e podem coexistir com

² A técnica do C.E.A.C.F. - Terapeuta da Fala - Carmelina Possacos Mota

outras perturbações, no entanto em grande número de casos ainda não é possível determinar quais os factores que desencadeiam um quadro clínico de autismo.

Presentemente as Perturbações do Espectro Autista incluem-se nas Perturbações Globais do Desenvolvimento e são consideradas perturbações graves e precoces do neuro-desenvolvimento que não têm cura e persistem ao longo da vida, podendo a sua expressão sintomática variar. O diagnóstico desta perturbação continua a ser clínico, ou seja, realizado através de uma avaliação do desenvolvimento expresso pelo comportamento e, apesar das implicações de subjectividade que isso possa conter, existem escalas de diagnóstico que permitem hoje uma maior precisão e precocidade na realização de um diagnóstico. Especificamente no contexto educativo são consideradas Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) de carácter permanente.

Ser portador de P.E.A. pode ser altamente incapacitante, caso não se usufrua de metodologias de intervenção adequadas, pois esta perturbação conduz “a um padrão caracterizadamente específico de percepção, pensamento e aprendizagem” (Jorden, 2000:16) que compromete em particular o contacto e a comunicação com o meio.

Uma pessoa com Autismo tem na maior parte das vezes uma aparência física normal, no entanto apresenta dificuldades muito específicas em três áreas do seu desenvolvimento: *alteração qualitativa das interações sociais, da comunicação verbal e não verbal, padrões repetitivos e estereotipados de comportamento*, e revelam muitas vezes respostas de hipo ou hipersensibilidade a estímulos e ou outros problemas associados.

De uma forma generalizada a afectação nestas áreas traduz-se na prática em dificuldades significativas para aprender da forma convencional e pode manifestar-se, entre outras, por algumas características como falta de motivação, dificuldade na compreensão de sequências e de consequências, défice cognitivo, dificuldades de concentração e de atenção, alterações na discriminação/processamento auditivo e na compreensão de instruções fornecidas oralmente, falta de persistência nas tarefas, dificuldades em aceitar mudanças e em compreender as regras instintivas

da interacção social, alterações de sensibilidade à dor, a sons, a luzes ou ao tacto, grande redução da capacidade imaginativa e de fantasiar, interesses restritos, alterações de sono vigília, ou particularidades do padrão alimentar.

Descrição da prática desenvolvida e resultados obtidos

Apesar de ser impossível descrever neste espaço tudo aquilo que se realiza nesta escola com os professores, com as crianças e com as famílias, após 5 anos a experimentar responder, diária e continuamente, de forma adequada às necessidades das crianças com P.E.A. através de um ensino estruturado, baseado na metodologia TEACCH, pensamos poder partilhar esta experiência e algumas pistas que possam ser inspiradoras para o aumento de respostas de inclusão de crianças com esta e ou outras perturbações nas escolas do ensino regular. O facto é que, apenas se mudam atitudes quando se torna evidente que existem vantagens em mudar e quando as pessoas se envolvem em processos que resultam.

O *Ensino Estruturado* é um dos métodos pedagógicos mais importantes da metodologia TEACCH e consiste basicamente num sistema de organização do espaço, do tempo, dos materiais, e das actividades de forma a facilitar os processos de aprendizagem e a autonomia das crianças e a diminuir a ocorrência de problemas de comportamento. É, no entanto, um modelo suficientemente flexível, pois permite ao técnico encontrar as estratégias mais adequadas de forma a responder às necessidades de cada criança.

O objectivo central da intervenção pedagógica desta Sala de Recursos TEACCH é o desenvolvimento de competências de autonomia e a melhoria dos comportamentos da criança com P.E.A. em casa, na escola, e na comunidade favorecendo a sua inclusão no maior número de actividades junto dos colegas, da turma a que cada uma pertence, prevenindo, assim, a sua institucionalização.

Através da criação de situações de ensino estruturado com apoio de estruturas visuais, de material próprio e de actividades adequadas às suas necessidades (plásticas, gráficas, lúdicas, didácticas, pedagógicas, ...) procura-se potenciar a motivação destas crianças para explorar e aprender com o objectivo de aumentar os

tempos de atenção partilhada, de interacção social, de contacto do olhar e de comunicação através do olhar, desenvolver os tempos de atenção, de concentração e de interesse pelas actividades propostas e materiais. Manter e aumentar a capacidade de pegar a vez em actividades motoras e verbais, aumentar a consistência da resposta em contextos variados, desenvolver a capacidade de cumprir ordens em diversos contextos e a competência para iniciar, realizar e terminar tarefas de forma autónoma.

Aqui também se trabalha a linguagem, a comunicação e a interacção de forma estruturada, assim sempre que é necessário ou possível usa-se o Programa de linguagem do vocabulário MAKATON³. Este utiliza gestos e símbolos em simultâneo com a fala e permite desenvolver a comunicação funcional, a estrutura da linguagem oral e da literacia facilitando o acesso aos significados do e no mundo com os outros o que proporciona maior disponibilidade para a relação.

Num ambiente no qual a firmeza e o afecto são uma constante essencial fomenta-se a sua permanência e o convívio com as outras crianças, desenvolvendo um trabalho sistematicamente articulado, com os docentes e com os colegas da escola e ainda de extrema importância com as famílias, procurando-se *agir em vez de reagir*, no sentido de se alcançar uma integração escolar bem planificada com programas e serviços adequados que permita oferecer um conjunto de vantagens a todos os implicados.

Esta articulação é realizada através de reuniões regulares de suporte nas quais se fornecem informações, se reflecte sobre as conquistas e sobre as dificuldades e se formulam e reformulam estratégias sempre que necessário, numa permanente atitude de reforço construtivo. Quem lida com crianças com Autismo experimenta sucessivas e constantes adaptações, por isso, a colaboração entre todos os envolvidos (adultos e ou crianças) é de extrema importância, pois permite a redução de ansiedades e a manutenção de um ambiente calmo entre todos os parceiros e ainda potencializa os desempenhos de cada interveniente proporcionando o desenvolvimento de novas competências e promovendo mudanças.

³ Concebido por Margaret Walker, UK; Versão portuguesa 1985, adaptada por Isabel Prata C.E.A.C.F.

Numa primeira etapa é elaborada, pela técnica do CEACF, a avaliação da criança com o Perfil Psico Educacional Revisto (PEP-R criado por Eric Schopler). Este fornece, além do nível de funcionamento em cada área de desenvolvimento, as suas capacidades emergentes (nem sempre evidentes, surgindo apenas se estimuladas) e ainda a existência ou ausência de comportamento patológico. Baseado nesta avaliação e em dados retirados do dia a dia da criança, no contexto escolar e familiar, é depois realizado um Programa Educativo com objectivos estabelecidos para ela e a executar através de uma planificação de intervenções individualizadas.

A planificação de intervenções individualizadas é adaptada às suas necessidades individuais, aos seus diferentes níveis de funcionamento, e centra-se nas suas áreas fortes (processamento visual, memorização de rotinas e interesses especiais) utilizando-as como potencializadoras para as restantes áreas.

Com base nesta planificação são implementadas situações de ensino estruturado com apoio de estruturas visuais e que consistem na organização do espaço, do tempo, dos materiais e na criação de rotinas. Esta estratégia fornece o tipo e a quantidade de estrutura que cada uma destas crianças necessita para progredir na sua aprendizagem e fomenta a sua autonomia, pois *as estruturas visuais* ensinam e ajudam a seguir instruções de forma autónoma auxiliando as pessoas com Autismo a lidar com as mudanças, proporcionando-lhes maior flexibilidade ao seu pensamento.

A estrutura ou a organização do espaço



Consiste basicamente na forma de organizar o espaço através da delimitação clara das diversas áreas de trabalho, fazendo corresponder a cada área uma actividade específica podendo para tal utilizar-se mobiliário ou outro material que permita tornar as delimitações claras e diminuir os estímulos distractivos.

Segundo a metodologia TEACCH as ÁREAS DE TRABALHO consideradas básicas e que existem nesta Sala de Recursos TEACCH são:

- (i) A ÁREA DE TRABALHO 1 A 1 ou O ESPAÇO PARA APRENDER (como é denominado aqui) e que deve ser protegida de estímulos que possam ser distractivos e na qual se trabalha individualmente com a criança a aquisição de novas competências, procurando-se ajuda-la a encontrar motivação para a aprendizagem através de ajudas físicas, demonstrativas ou verbais que possibilitem o sucesso e reduzam a frustração.
- (ii) A ÁREA DE TRABALHO INDEPENDENTE OU AUTÓNOMO onde se pretende que a criança vá realizando as actividades aprendidas de forma autónoma centrando-se nos objectivos da actividade (nesta sala existem 5, pois neste momento 2 das crianças já permanecem na sua sala de aula o dia todo com algumas adaptações dos processos de ensino-aprendizagem). Nesta área de trabalho existe também um SISTEMA DE TRABALHO INDIVIDUAL que consiste num plano de trabalho que fornece à criança informação sobre o que fazer e por que sequência, e ainda o conceito de começar, realizar e terminar uma actividade tornando-a capaz de realizar uma tarefa de forma autónoma (o que é de extrema importância para estas crianças que manifestam pouca motivação e dificuldade em permanecer atentas de forma a sequenciar uma actividade).
- (iii) A ÁREA DE LAZER na qual não existem exigências por parte do adulto e onde a criança pode estar livremente a desenvolver actividades dentro dos seus interesses, onde normalmente se permitem as estereotipias.
- (iv) A ÁREA DE TRABALHO DE GRUPO na qual se desenvolvem actividades que promovem e favorecem as interações sociais.

- (v) E a **ÁREA DE TRANSIÇÃO** onde a criança passa quando muda de área/actividade, e que aqui se encontra junto da área de trabalho autónomo de cada uma das crianças.

Depois, nesta sala, foram ainda criadas outras áreas que se consideram importantes dentro das necessidades e capacidades das crianças que se atendem e que, visto a sala ser ampla, foram possíveis no espaço físico existente:

- (i) Uma **ÁREA DE TRABALHO NO COMPUTADOR**. A informática é utilizada para ajudar a ultrapassar dificuldades tanto em termos de reprodução gráfica como em termos de atenção e de perseverança. Muitas destas crianças sentem pouca motivação para realizar aprendizagens e às vezes revelam dificuldades nos desempenhos motores finos, frequentemente o apelo de um ecrã e de um software agradável pode ser uma mais valia no trabalho com elas. Também nesta área se pode aprender a esperar a vez ou a executar uma actividade partilhada.
- (ii) Uma **ÁREA PARA BRINCAR ESTRUTURADO** com carrinhos, legos ou materiais de construção, na qual se procura que aprendam a desenvolver algumas actividades lúdicas. Aqui neste espaço nos momentos de intervalos escolares quando a sala está aberta às outras crianças da escola acontecem brincadeiras criativas e estimulantes que podem servir de modelo a imitar por estas crianças.
- (iii) Uma **ÁREA PARA LEITURA**. Muitos dos meninos desta sala gostam de ver ou de ler livros e contar histórias é extremamente rico para a construção de um mundo no qual se sequenciam situações.
- (iv) Uma **ÁREA PARA REALIZAR ACTIVIDADES DE EXPRESSÃO PLÁSTICA** onde existem materiais diversificados que permitem desenvolver actividades variadas que possibilitam, entre outras aquisições, a algumas crianças dessensibilizações de contacto e a outras desenvolver a sua motricidade fina. Aqui também outras crianças da escola podem realizar actividades trazendo modelos a partilhar.
- (v) Uma **ÁREA COM LAVATÓRIO** que possibilita realizar além de actividades de higiene básicas actividades de relaxamento com água.

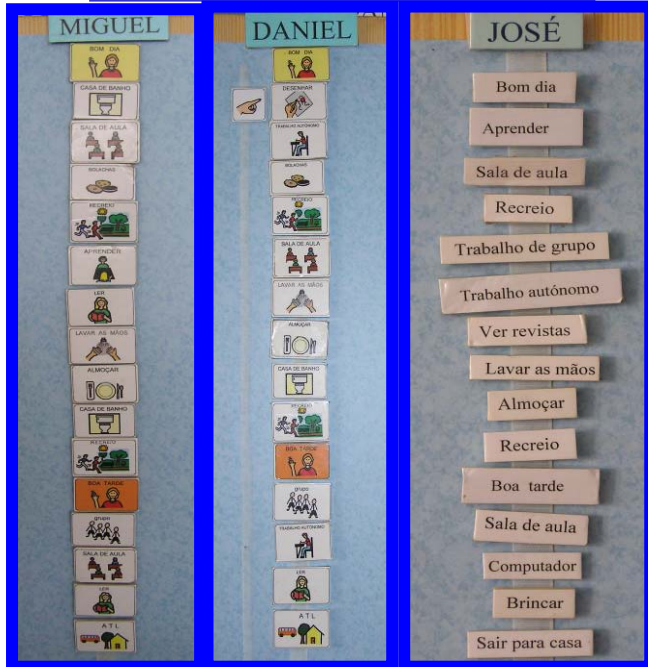
A organização do tempo

A planificação é estruturada visualmente através de *HORÁRIOS DE ACTIVIDADES* e de *PLANOS DE TRABALHO* o que fornece antecipadamente à criança (através de uma organização externa) informação clara e objectiva sobre o que vai acontecer ao longo do *tempo* do dia e em que sequência (antecipar e prever), o que proporciona um ambiente seguro, calmo e previsível. Como resultado consegue-se compensar a dificuldade que manifestam em sequenciar e em se manterem organizadas, diminuindo comportamentos disruptivos aumentando a motivação e melhorando a capacidade de aceitação a alterações da rotina.

Estes horários ou planos podem ser adaptados a vários níveis de competências desde os mais acessíveis, que fornecem informação para um período de tempo mais curto e realizados com objectos, fotos reais ou imagens (nesta sala estão a ser utilizadas imagens do programa S.P.C.*), criados para crianças com mais dificuldades, aos mais complexos que podem utilizar símbolos mais abstractos como palavras e ser elaborados para uma maior duração de tempo. Funcionam de cima para baixo, ou da esquerda para a direita (por ser o sistema convencional existente no país), consistindo o mesmo numa rotina securizante à qual estas crianças aderem rapidamente.

* Software Boardmaker,-Mayer Johnson, versão portuguesa Anditec

HORÁRIOS DE ACTIVIDADES



Horário Escolar
Ano Lectivo 2001/2002

Horas	2º-Feira	3º-Feira	4º-Feira	5º-Feira	6º-Feira	Sábado	Domingo
8:00	Bom dia	Bom dia	Bom dia	Bom dia	Bom dia		
9:00							
10:00							
11:00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
12:00							
13:00	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
14:00							
15:00	APRENDER	TERA PRUTA	APRENDER	APRENDER	APRENDER		
16:00	GRUPO	GRUPO	GRUPO	GRUPO	GRUPO		
17:00	IR ATL	IR ATL	IR ATL	IR ATL	IR ATL		
18:00							

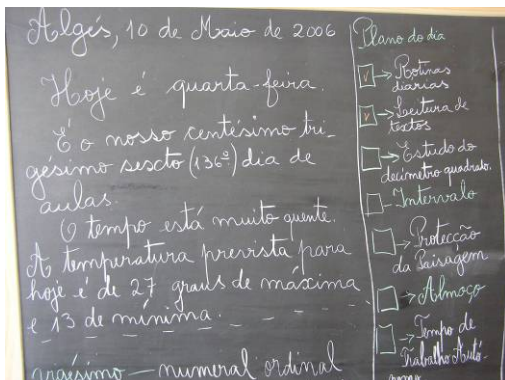
Nome: Miguel
Escola: Escola de Alameda
Ano: Turma: Nº

PLANOS DE TRABALHO



Com o seu suporte procura-se promover a sistematização do processo de ensino aprendizagem, a visualização simbólica referenciadora de regras/rotinas da escola e de condutas sociais associadas à interação que se procura estabelecer com pares e adultos da escola.

Para algumas das crianças que conquistaram mais autonomia, neste momento já é possível fornecer esta referência temporal simplesmente através de um plano do dia ou de um sumário elaborado no quadro da sala que serve e beneficia toda a turma. Para elas também já não é necessária uma área de trabalho autónomo, conseguem estar na sala num lugar como os outros colegas sendo apenas praticadas algumas alterações/modificações no espaço físico ou em desempenhos do professor.



Por exemplo, quando o professor fala para o grande grupo chama esse aluno pelo seu nome e várias vezes para que se mantenha atento; quando pretende que a criança olhe para alguma informação no quadro procura e certifica-se que este olhe para o local pretendido; cria determinadas rotinas que mantém diariamente como escrever o plano do dia sempre no mesmo espaço do quadro, arruma a sala de forma estruturada; o seu lugar fica perto do quadro sem crianças à sua frente para que não se distraia, se o aluno necessita de apoio mais directo pode ser importante ter sempre uma cadeira junto de si, pois assim ele sabe que sempre que precisar o professor pode sentar-se ali; ao seu lado deve estar sentado um colega com capacidade de desempenhar o papel de tutor; se existem regras afixadas (informativas de comportamentos que deve ou não deve ter) estas devem estar próximas e a criança deve aprender a olhar para elas sempre que o professor fornecer um sinal combinado, se a criança precisa de incentivos/motivações procura-se que sejam dentro dos seus interesses e que possam ser compensadoras de desempenhos pretendidos. Em relação a comportamentos disruptivos como, por exemplo, estereotípias estas devem ser permitidas mas sempre de forma organizada e temporizada, no entanto se a criança manifesta dificuldade em aceitar esta gestão de comportamentos a mesma pode ser realizada com apoio de tabelas de registos que possam fornecer a informação visual à criança.



A organização dos materiais

A utilização de material pedagógico adequado às necessidades de cada criança é outro dos procedimentos importantes que se realiza, pois uma criança com Autismo necessita aprender cada tarefa várias vezes e com material que se apresente

visualmente de forma estruturada, ou seja, que forneça informação clara sobre o que realizar, como realizar e quando está terminado.



Depois precisa ainda de ser ajudada a generalizar essa mesma aprendizagem para outros contextos. Assim num primeiro tempo, no espaço do *Aprender* (Trabalho 1 a 1) da Sala de Recursos TEACCH são trabalhadas, com material pedagógico específico, por etapas, as tarefas necessárias para que cada criança atinja o/os objectivo/s do seu Programa Educativo. Depois quando já é capaz de as realizar pode passar a fazer essa tarefa no seu espaço/área de trabalho autónomo com a posterior transição para o espaço de sala de aula, que se encontra modificado/preparado, participando diariamente em actividades que decorrem nas turmas a que pertencem.



Toda esta dinâmica (modificação do ambiente e o suporte de material pedagógico adequado) permite a realização diária de tarefas que a criança é capaz de executar, diminuindo o grau de frustração e promovendo relações significativas com as

actividades e com os contextos, melhorando nelas a capacidade autónoma de desempenho em contextos variados, nomeadamente na turma a que cada uma pertence, em casa com a sua família, ou noutros espaços generalizando as competências aprendidas de forma a otimizar as aprendizagens.

E por último mas de extrema importância as *rotinas* que, conforme já foi referido, surgem incluídas na planificação e na gestão das tarefas do dia a dia e dos materiais e permitem processar informação de forma mais eficaz facilitando a aprendizagem, pois podem ser usadas numa variedade de situações e eventualmente alteradas. A maior parte destas crianças desenvolve rotinas, no entanto, muitas vezes são pouco funcionais.

Conclusão

Em suma educar crianças com Perturbação do Espectro Autista é hoje claramente viável e possível em inclusão, no entanto, apresenta enormes desafios aos profissionais envolvidos devido às características que estas manifestam. Os problemas de linguagem podem constituir um obstáculo à comunicação; a resistência à mudança e neste caso à aprendizagem não permite frequentemente a utilização de técnicas de ensino-aprendizagem e avaliação tradicionais. Por vezes, o seu elevado funcionamento mental em algumas áreas pode levar o professor a criar falsas expectativas e conseqüente frustração; as respostas alteradas a estímulos ambientais usados na educação podem levar os outros a responder e a actuar de forma menos adequada às situações, as alterações de humor, por vezes aparentemente inexplicáveis, podem representar desafios e momentos de enorme perplexidade aos pares.

Para um professor o que se torna crucial realçar é que independentemente de qual a sua etiologia o Autismo é um distúrbio do desenvolvimento que irá afectar todo o processo de aquisição de experiências, por isso as crianças com P.E.A. manifestam diferenças no modo como aprendem. Tudo aquilo que as outras crianças aprendem espontaneamente tem de lhes ser *ensinado e explicado* utilizando procedimentos de intervenção que reconheçam e procurem compensar essas dificuldades muito específicas. Assim, e de acordo com cada criança, deve ser elaborado um programa

interventivo baseado numa estrutura externa que lhes proporcione pistas orientadoras do processo de aprendizagem. Esta deverá funcionar como uma estratégia que compense a sua dificuldade para aprender de forma espontânea e auto-orientada.

Efectivamente, a criação de ambientes estruturados e programas diários que implementem estratégias aplicadas de forma detalhada, sequenciada e persistente torna possível que elas aprendam e apresentem uma melhoria significativa. Possibilita o aumento das capacidades funcionais, a redução das limitações e dos comportamentos disruptivos e ainda a melhoria nos desempenhos e nas suas adaptações aos contextos frequentados pelas outras crianças, nomeadamente o escolar.

O envolvimento e a formação de todos os que lidam com a pessoa com autismo é essencial. A interacção social e a aprendizagem tendem a melhorar a sua expressão sintomática. Serão as relações a modificar a sua evolução e o seu prognóstico. As necessidades específicas de cada um não serão apenas determinadas pelas suas dificuldades de desenvolvimento, mas principalmente na forma como estas se organizam no contexto em que a aprendizagem acontece.

Apesar de esta sala ser um espaço para trabalhar com as crianças com P.E.A. está sempre aberta a qualquer aluno da escola que nela queira estar, seja para brincar, para ser ouvido, ou apenas para esperar que o seu professor chegue. A pouco e pouco ela é hoje um espaço de todos no qual se pratica a inclusão inversa.

Modificando o ambiente, reduzindo ou aumentando os estímulos, promovem-se as interacções das crianças ajudando as que apresentam P.E.A. a encontrar motivação para a relação com o outro e as outras a respeitar o colega diferente na sua diferença.

De facto, nesta escola a inclusão tem sido uma realidade efectiva na qual os docentes envolvidos, professores formidáveis tanto em termos pedagógicos como pessoais, têm enriquecido e partilhado as suas práticas pedagógicas. Os colegas das turmas após esta experiência vivida serão concerteza no futuro cidadãos mais

completos, pois praticam diariamente uma construção de valores de respeito pela diferença e experimentam a tolerância à frustração ao não obterem do outro as respostas normalmente esperadas e por isso manifestam capacidades gradualmente superiores de resolução de conflitos e de compreensão e de aceitação de diferenças no outro.

Esta escola, tão especial e acolhedora, relembra-nos todos os dias que na vida apesar de cada um seguir o seu caminho ele faz parte de um todo que diz respeito à humanidade e isso faz-nos sentir como é bom estarmos sempre atentos e disponíveis para “Aprender a olhar para o outro” e para acreditarmos no seu potencial. A inclusão não pode ser considerada um privilégio, ou uma mera opção estratégica, é um direito e, sobretudo, um exercício de cidadania a praticar diariamente e que abre caminho rumo a uma escola na qual todas as crianças devem ter um lugar, independentemente das suas diferenças, conforme preconiza a Declaração de Salamanca (1994).

Referências bibliográficas:

CALDEIRA, Pedro, (2005). **Abordagens à problemática do Autismo- Caracterização e Intervenção-** Jornadas de Formação Caldas da Rainha Junho 2005

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (1994). **Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais**, Acesso e Qualidade, Ed. UNESCO

FUENTES, J. (1992). **Autism and Special Educational Needs: Looking Ahead.** San Sebastian. Gautena.

JORDAN, Rita. (2000). **Educação de Crianças e Jovens com Autismo**, Instituto de Inovação Educacional, Lisboa.

MARQUES, Carla Elsa (2000). **Perturbações do Espectro do Autismo : Ensaio de uma Intervenção Construtivista Desenvolvimentista com Mães**, col. Saúde e Sociedade, Quarteto, Coimbra.

WANG, Margaret, Gorden PORTER & Mel. AINSCOW (1997). **Caminhos para as Escolas Inclusivas**, Instituto de Inovação Educacional, Lisboa.